**IMPACTOS DE UM INTERCÂMBIO NA FORMAÇÃO DE FUTUROS
PROFESSORES DE LÍNGUAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE DOIS
ESTUDANTES DE LETRAS/UFSCAR NA UNIVERSIDADE DE
AVEIRO/PORTUGAL, PELO PLI/CAPES.**

ANDREI CEZAR DA SILVA

Discente do Curso de Letras
Universidade Federal de São Carlos
andrei.cez29@gmail.com

ANA CLAUDIA DA SILVA JUNQUEIRA

Discente do Curso de Letras
Universidade Federal de São Carlos
a.claudiajunqueira@gmail.com

ISADORA VALENCISE GREGOLIN

Docente do Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de São Carlos
Coordenadora do Programa de Licenciaturas Internacionais-Letras
isadora.gregolin@gmail.com

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (**CAPES**)

RESUMO

O objetivo desta comunicação é discutir experiências de internacionalização na formação de alunos do curso de Letras da UFSCar, vivenciadas na Universidade de Aveiro (UA/Portugal) no âmbito do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI, da CAPES). Trata-se de um programa de mobilidade internacional, financiado pela CAPES, com objetivo de oferecer oportunidades de vivência acadêmica em universidade estrangeira, com posterior reconhecimento e equivalência de estudos na instituição de origem. A partir da

apresentação de dois relatos de experiência de licenciandos sobre as diferentes etapas de preparação para a mobilidade, vivência no exterior e retorno ao Brasil, serão problematizados os impactos do PLI para a formação profissional de futuros professores (de línguas) na contemporaneidade. Serão objeto de análise e comparação as diferenças culturais, curriculares e institucionais observadas entre as universidades, com vistas a problematizar as perspectivas, bem como respectivos contributos, em nível de desafios e de oportunidades suscitados pela experiência em contexto lusitano. Dessa forma, destacaremos aspectos que puderam contribuir para a internacionalização dos futuros professores do curso de Letras da UFSCar.

Palavras-chave: Internacionalização e formação de professores; Programa de Licenciaturas Internacionais; PLI-Letras.

1. INTRODUÇÃO

De modo sumarizado, o Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), da CAPES, consiste num acordo de cooperação internacional compreendido pela universidade de origem, neste caso a UFSCar (São Carlos/SP – Brasil), para com universidade de acolhimento, a Universidade de Aveiro (Aveiro – Portugal); Este acordo é firmado previamente no estofa do projeto institucional da universidade brasileira, que é submetido à CAPES através de edital específico, cuja designação, dentre seus programas de fomento, é pautada pela modalidade Graduação Sanduíche.

Professores em formação dos cursos de licenciatura no Brasil, por meio do PLI, para além da base formativa de seus progressos na academia brasileira, têm acrescido um itinerário formativo credível/credenciado pela instituição de ensino superior portuguesa, de modo geral; tratando-se especificamente, aqui, do PLI-Letras, o percurso de unidades curriculares está engendrado pela grande área científica de Letras, em suas componentes de língua(s), literatura e educação/ensino.

No âmbito da referida cooperação, as alíneas orientadoras dos graduandos são concernentes a um Acordo de Aprendizagens que, aproximada ou estritamente, concerne ao cumprimento de 60 ECTS²⁵, distribuídos ao longo de um ano acadêmico, em dois semestre de estudos, dos quais, em paradigma norteador, cada ECT corresponde a 25 - 30 horas de trabalho (teórico e prático) em função de cada uma das disciplinas em exercício.

²⁵ Unidades de créditos na instituição de acolhimento – European Credit Transfer System;

Dada a emergência de pautas que recorrentemente colocam em causa as questões de globalização/ internacionalização; tendo em conta o nosso interesse pelas esferas de formação inicial e continuada de professores; de que modo é que o PLI assenta-se como um ponto de intersecção na convergência desses interesses? Quais impactos são demonstrativos de sua mais valia formativa? Esses são questionamentos iniciais e que motivam a escrita destes relatos de experiência.

Abrigados pelo Programa, nós, discentes da UA, Andrei Cezar da Silva e Ana Claudia da Silva Junqueira, nos anos 2018/2019 e 2017/2018 respectivamente, congregamos algumas reflexões centrais e relativas aos percursos que empreendemos, de modo a não unicamente preconizar o seu carácter inalteradamente único, mas também desdobrar testemunhos acerca da vivência – os desafios, as oportunidades; a saber, os contributos para a formação de professores (de línguas).

A) PRIMEIRO RELATO DE EXPERIÊNCIA²⁶:

De modo a situar um ponto de partida, desde o momento em que o Plano de Aprendizagens é outorgado, há uma mobilização considerável a nível dos preparativos para a ida a Portugal; as expectativas para as novas (e distintas) formas de conjugar o *ser e estar* no mundo transcendem o tornar-se aluno de instituição académica portuguesa, ou seja, elas nutrem um imaginário ainda muito volúvel sobre como é (ou como seria) viver no exterior.

Acresce-se, nesse sentido, a organização de toda documentação (mais ou menos burocráticas, como tem de ser) para que pudéssemos requisitar e obter o visto que nos autoriza residência temporária, para fins de estudos, durante um ano no país de acolhimento; por meio do Consulado Geral de Portugal, situado em São Paulo/SP. Tamanha novidade não restringe-se à obtenção do visto, mas acompanha-nos mais concretamente desde o embarque até o dia a dia na universidade de destino.

Uma das primeiras apreensões diz respeito às formatações contrastantes entre a academia brasileira e a academia portuguesa; primeiro pelo fato de que o ano académico, segundo Bolonha, inicia-se em setembro e finaliza-se em julho. Isto é, nosso 1º primeiro

²⁶ Proferido por Andrei Cezar da Silva; discente durante o ano académico 2018/2019.

semestre no Brasil, em termos de calendário, está numa disposição inversa, pois é linearmente o 2º vigente na comunidade europeia.

Na insistência desse inter-relacionamento entre cronograma/calendário, também faço menção quanto à distribuição do período de aulas presenciais e de trabalho teórico-prático (agrupados numa margem de 90 dias letivos para cada semestre), cujo seguimento é de mais ou menos duas semanas sequenciais de um período de exames, e mais ou menos mais duas semanas de um período de recurso. No Brasil, a disposição desses segmentos é feita também diferentemente (seja a nível da quantidade de dias letivos elegíveis, bem como a organização das nuances de avaliação).

Da perspectiva da interculturalidade, sendo professor de línguas em formação e admitindo a percepção de que a cultura é um conjunto de significação que se veicula *na* e *pela* língua, foi para mim sobressalente as disjunções, na mais positiva acepção, linguísticas. Corroborando a assertividade de Guimarães Rosa – um dos maiores expoentes da literatura brasileira, “não há uma Língua Portuguesa; há línguas em português”, refiro-me às formas alternativas (por exemplo, em seus níveis linguísticos – fonéticos, lexicais, sintáticos) que se encontram pelas variantes dos falantes (também de origens variadas – América do Sul, África e Portugal majoritariamente). Essas formas alternativas desnudam a riqueza dos referenciais de mundo locais (provenientes de seus usuários) interseccionados numa mesma dialética; isso foi um bem imensurável a nível do desenvolvimento ou aguçamento de competências interculturais e que refletiu, minimamente, numa sistematização própria acerca das suas confluências, a qual intenciono levar para a minha prática docente no Brasil.

Convictamente, posso afirmar o quão a internacionalização é um dispositivo formativo, cuja forma-padrão de o ser tem sua localização em rompimento com o tradicional; ou seja, há uma ampliação relativa à formação profissional (e mesmo pessoal) excedente às formas conjunturais e correntes em massa. Justifico a partir do que denomino “Portugal ponto de encontro”, pois na universidade, nas ruas, há gentes de todas as partes do mundo – e respectivos falares e olhares num *locus* em comum.

Dentre as vivências que exemplificam esse fundamento, no âmbito da mobilidade acadêmica e do intercâmbio sociocultural, destaco um trabalho de grupo desenvolvido por 4 estudantes no quadro de uma das disciplinas cursadas, especificamente: um brasileiro, um

português, um finlandês e uma grega. Foi uma experiência muito edificante e convergente de significações de mundo distintas/distintivas.

No percurso acadêmico, cursei 9 disciplinas, que totalizam 60 ECTS, das quais: 3 foram de graduação (denominada por licenciatura – não com a mesma definição semântica que lidamos no Brasil, pois licenciatura lá diz respeito à formação inicial no ensino superior), e 5 foram de mestrado. Todas mobilizaram um escopo teórico reconhecidamente profícuo e que me permitiram, em maior ou menor escala, o visionamento de outras teorias/estudos que não necessariamente seriam abordados no “reduto” científico imiscuído no Brasil.

Para além disso, também fui participante de diversos eventos promovidos na Universidade de Aveiro, que abordaram núcleos temático-científicos na concentração dos estudos de Letras e suas vertentes; dentre os quais faço menção aos eventos 1) “Vivências e trajetórias no Ensino Superior em Portugal – a voz dos estudantes da CPLP”, em que fui um dos oradores de um dos painéis programativos; e 2) “VI Encontro Internacional de Reflexão sobre a Escrita – Algumas Décadas de Investigação e Ensino”, em que um dos conferencistas foi Joaquim Dolz, mentor da sistematização teórica de Sequência Didática (SD), a qual tive oportunidade de trabalhar/experienciar nos anos de PIBID²⁷.

Concluí o ano acadêmico de estudos muito mais motivado pelas dúvidas, pelas incertezas, pelas (in)conclusões... porque, a meu ver, são essas as componentes indispensáveis para a permanente busca por mudança, por transformação, por procura pelo conhecimento; quem está resoluto integralmente de suas convicções, se está fadado ao interdito de sua versão mais humanitária, sendo só centralizador de sua significação de mundo. O PLI foi, assim, fomento para o vir-a-ser contínuo de mobilizações pautadas pelos *agir local e pensar global*.

B) SEGUNDO RELATO DE EXPERIÊNCIA²⁸:

Um relato de experiências, trata-se propriamente de um intercâmbio de informações, no qual, deseja-se repartir com os possíveis leitores um ato de aprendizagem.

²⁷ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (CAPES).

²⁸ Proferido por Ana Claudia da Silva Junqueira; discente durante o ano acadêmico 2017/2018.

Sendo mais sensível, diria que é tentar fazer com que, algo que te mudou, mude o outro também. Entra-se então, em um conceito relativamente simples, intercâmbio envolve troca, engloba permuta, suscitando, assim, um vasto campo semântico de alteração e modificação.

Dessa forma, desde o lançamento do edital da viagem, no ano de 2014, iniciou-se a metamorfose; muitas expectativas foram lançadas em torno de um sonho que surgiu: o de poder conhecer e estudar em outro país. Assomam-se muitas situações novas a uma viajante internacional de primeira viagem, desde a requisição de um passaporte até a obtenção de um visto, inúmeros trâmites burocráticos que irromperam imersos em outros tantos de outras ordens, presentes nesta etapa inicial. Uma fase na qual a certeza quase foi tomada pelas incertezas, que foram muitas, a família que fica, o emprego que se deixa, tantas coisas de ordem mais pessoal e não menos crucial.

Diante de todas incertezas, até de uma bolsa que foi concedida, negada por falta de verba e depois posso dizer (re)concedida, em 2017, chegou-se na Universidade de Aveiro em setembro desse mesmo ano. Iniciava-se a troca, os medos de outrora foram substituídos pelo fascínio da chegada. A novidade que estava em tudo, de início, preencheu todos os campos e cantos. Na nova Universidade o clima foi de adaptação às diferenças, sendo a primeira referente ao início do ano acadêmico, que naquele momento estava inaugurando-se e estender-se-ia até julho, tempo contrário ao daqui, pode-se dizer. Um outro contraste significativo que gerou até um pouco de ansiedade, pela autonomia nunca antes vivida, foi a livre escolha de “cadeiras”, termo esse usado pelos portugueses para designar as disciplinas cursadas, e apesar de algumas já estarem pré determinadas pela instituição de origem, não haviam impedimentos para uma troca no curriculum. Se dentro de três semanas o aluno não se adaptasse a disciplina, poderia trocá-la por outra, algo que considero excelente.

Desse modo, foram oito disciplinas cursadas em território português, sendo cinco de mestrado – o que também era uma grande novidade, as diferenças de ensino que estabelecem o tratado de Bolonha, vigente lá, permitiram cursar tais cadeiras. Ainda, nesse sentido, destaco a liberdade em poder cursar essas disciplinas no Departamento de Educação, que foi no qual passei a maior parte do tempo, pois lá encontrei conforto e afinidade. Nas aulas de Necessidades Educativas Especiais, pude complementar muito meus aprendizados concernentes à áreas educacionais, que infelizmente, o curso no Brasil não contempla. Ainda, na disciplina de Pluralidade Linguística e Educação, pude olhar com

mais sensibilidade para as línguas minoritárias no mundo e no meu país – momento em que nasceu uma pesquisa sobre um povo indígena brasileiro que tem sua língua quase extinta, os Balatiponés, trabalho que gerou frutos, fundamentando o que será meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Houve ainda outra disciplina que durante a escolha, foi tida por mim como “fácil”, mas durante o percurso, me fez mudar de ideia e de princípios, a Literatura para a Infância e Juventude, nunca mais será vista por mim com olhos ingênuos ou até mesmo, preconceituosos. O trabalho final da disciplina compreendeu um enorme aprendizado, no qual, eu, meu amigo (outro intercambista), e um aluno português, tivemos de fazer uma intervenção em uma escola de ensino primário, um infantário, como designam por lá. Foi nesta hora do conto, com alunos de 2 a 6 anos, que muitos preconceitos e muitos medos foram desfeitos. Foi um trabalho árduo, sem dúvida, o mais difícil que fiz nesta trajetória e talvez por isso, tão marcante. Ressalto quão benéfico foi essa liberdade de escolha, porém, em contraponto, destaco que as disciplinas de mestrado só se tornaram opções, devido a imaturidade notada nos alunos graduandos, e por isso procurou-se outras opções, que felizmente foram as melhores.

Enfatizo ainda o ensino de português para estrangeiros, do qual pude participar, uma atuação voluntária que não contou como créditos cursados, mas foi de certa forma enriquecedora, de modo positivo por poder vivenciar tantas nacionalidades juntas aprendendo a língua portuguesa, desde as mais próximas linguisticamente falando até as mais distantes: espanhóis, venezuelanos, alemães, poloneses, árabes, e outros. Mas houve também o lado negativo, que foi a constatação de visões que considero eurocêntricas e preconceituosas por parte das professoras, que desvalorizavam a variante brasileira em detrimento de suas variantes portuguesas, havendo o tempo todo, advertências aos alunos que preferiam falar com “sotaque brasileiro” como elas diziam.

Ainda nesse sentido das visões eurocêntricas, destaco também ter vivenciado outras situações nesses moldes, desde comentários sobre minha aparência, que segundo muitos, não se enquadra no perfil do que consideravam brasileiros, emergindo daqui a questão das visões preconcebidas dos povos, que infelizmente carregamos. Além disso, outros episódios em sala de aula, um em que uma professora espanhola, que ao ensinar o idioma, disse-me no primeiro dia de aula que eu tinha muito sotaque brasileiro; e infelizmente ainda poderia mencionar mais situações que não caberão aqui.

Desse modo, inserida neste contexto sociocultural tão vasto que até então nunca havia vivenciado, pude confrontar-me com dois lados, com aulas e situações interculturais, mas também, com outras segregadoras e separatistas. Em suma, houve alguns choques culturais e desses provieram ganhos e perdas, e por isso, aprendizados. Em retorno ao planejamento da viagem, que havia suscitado uma questão de ordem mais interna, o fato de durante o intercâmbio não estar praticando propriamente um idioma estrangeiro. Entretanto, na riqueza cultural de muitas nações que estão presentes na UA, muitos outros aprendizados tornaram-se possíveis, de ordem cultural/linguística. Abre-se um parêntese para destacar as viagens do período de férias, que me permitiram chegar a Espanha, e aí sim, praticar verdadeiramente o idioma que estudo no curso de Letras, o espanhol.

Em síntese a mobilidade acadêmica foi uma experiência singular, e a palavra de ordem que atribuo a essa fase é mesmo a “interculturalidade”; aprendi com a história, com as diferenças culturais, com a grade curricular, mas principalmente com as pessoas, pois foi conhecendo o(s) outros que eu consegui me ver mais, foi nesse confronto que me (re)conheci como nunca. Quando fui retirada da minha zona de conforto, que agora sei, é o meu país, fui obrigada a aprender muitas coisas que aqui, sempre acha-se que já se sabe. Quando fui tirada desse tal conforto, constatei muitas vezes que aprender também é doloroso, não estar em casa te deixa mais vulnerável a certos sentimentos. Por isso, destaco conflitos emocionais também, em especial, com uma professora de uma disciplina feita, uma bobagem talvez, mas que naquele momento, longe de casa, pareceu vultuoso. Sim, o intercâmbio não foi só de sorrisos, mas foi aprendizado e aprende-se muitas vezes, principalmente na dor. A dor da saudade, das constatações, das consequências, da vida em um país novo. A mudança é grande e exige adaptações, você entrou em metamorfose e quando dá por si, já está transformada e transformando.

Num momento de crescimento pleno, chegou-se também a hora de retornar, e talvez houve ainda mais dúvidas do que antes: se queria retornar, se tinha valido a pena, se iria colher algum fruto palpável disso tudo? Essas questões e muitas outras surgiram e me acompanharam de volta, pois ficar já não era opção. Agora, em casa, refletindo sobre a experiência, distanciada no tempo, com um ano de regresso ao Brasil, tenho essa oportunidade de refletir e intercambiar minhas reflexões. Agora, distanciada, vejo que tampouco sei mensurar o quanto aprendi e mudei, mas cresci e não tenho o ínfimo tamanho de antes dessa experiência, minha alma cresceu e agora nela, cabem muitos mundos. Hoje,

sei que tenho uma visão mais plural e intercultural, adquirida do contato com os portugueses, os cabo verdianos, os angolanos, os timorenses, os chineses, os alemães e tantos outros que conheci na UA, e são esses encontros transformadores que levarei para a minha profissão docente, na busca pela diversidade, tentando por meio das minhas antigas experiências construir novos significados no mundo.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), da CAPES, fundamentalmente figura-se como um dispositivo formativo ampliado àqueles que o experienciam, desautomatizando consciência e prática críticas, sólidas, em função de uma permanente busca pela construção do conhecimento a ser refletida nas nossas atuações profissionais.

Doravante, as emergências de um mundo cada vez mais tecnológico e interconectado, requisitam sincronia de seus profissionais face aos desafios que abrangem competências acopladas ao prefixo *inter* nas mais diversas esferas de atuação humana. A internacionalização, portanto, é um recurso responsivo a essas intermitências que caracterizam a sociedade contemporânea.

A internacionalização das IES representa o despertar de uma nova consciência para um novo perfil profissional necessário para actuar no mundo em rápida transformação, que lhe exige postura crítica com desenvoltura internacional. É preciso que acreditemos na capacidade de inovação da nossa instituição e que a instituição veja em cada um de nós, sem exceção, uma peça do motor que vai impulsionar o movimento transformador (RUIVO, 2017, p. 264).

O PLI, desse modo, impulsiona um repertório formativo, neste caso de professores de línguas, que é multiplicador de potenciais caminhos de (inter-) comunicabilidade, de aprendizados e de atuação profissional (de professores) no Brasil atual. Sendo, por certo, um “movimento transformador”, justamente por permitir tantos intercâmbios, em diversas dimensões, ficou evidenciado que o PLI também impulsiona dimensões menos acadêmicas, mas que também são capazes de transformar o mundo:

É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com, esta apenas (FREIRE, 1997, p.8).

Assim, seguindo os passos de Freire, arriscamo-nos a sermos taxados de “a-científicos”, ao concluirmos que a experiência decorrida foi plenamente sentida e vivida tanto com objetividade quanto com subjetividade, pois foram a florados nesses períodos de um ano para cada um de nós, muitos crescimentos, que começaram sem dúvida no pessoal e transcenderam ao âmbito acadêmico, sendo impossível negar o quanto fomos tomados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARROLL, Jude. **Tools for Teaching in an Educationally Mobile World**. Londres: Book Now Ltd, 2015.

FREIRE, Paulo. **1997: cartas a quem ousa ensinar**. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. 4ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994.

MARINGE, Felix; FOSKETT, Nick. (Orgs.). **Globalization and Internationalization in Higher Education: Theoretical, Strategic and Management Perspectives**. Reino Unido: Continuum, 2012.

RUIVO, João. **Escola: uma tribo global**. Castelo Branco: RVJ Editores, 2017.